

A RABECA

PERIODICO CARICATO, SATYRICO E ILLUSTRADO

ESCRITORIO RUA DOS OURIVES N. 52, 1º ANDAR

Assignaturas para a Corte

PAGAS ADIANTADAS	
Por trimestre . . .	3\$000
Por semestre . . .	6\$000
Por anno . . .	12\$000

PROPRIETARIOS

ROCHA, COSTA & MELLO

Assignaturas para as Provincias

PAGAS ADIANTADAS	
Por trimestre . . .	4\$000
Por semestre . . .	8\$000
Por anno . . .	16\$000



PHENIX DRAMATICA
A EXIMIA ACTRIZ ISMENTA

A RABECA

Sabbado, 29 de Abril de 1871.

Carissimos assignantes. Os tempos não estão de brincadeira. Tudo anda com cara de herege. excepto o rabequista, que é catholico de corpo e alma. Só se falla da *febre amarella* em Buenos-Ayres; e ninguém se lembra que no Brazil assola uma peste ainda mais amendrontadora: a *febre vermelha*! Por toda a parte anda-se á cata de um medico *humanitario*, como Diogenes com a sua lanterna acesa, ao meio-dia, á procura de um homem.

Debalde o consul argentino, em lingua terna e seductora, como a hespanhola, se entende com os affamados filhos de Hipocrates, que parecem não entender muito do riscado, isto é, da lingua hespanhola!... Se ao menos o maximo Dr. Maximiano de Carvalho quizesse ir dar um passeio á Buenos-Ayres levando consigo a homœopathia.... Basta de prosa; o rabequista vai dar começo ás rabecadas.

Attendite et ! audite !

Introdução

Emilia. — Tal é o titulo de uma linda *mazurka*, feita por um admirador e por elle dedicada a eximia actriz Emilia Adelaide. O rabequista, que é em extremo amante da musica; jamais consentirá que fique votada ao esquecimento tão sublime, quão divina arte, e dá os seus cordeaes parabens ao modesta auctor da dita *mazurka*, e lhe agradece a sua mimosa offerta.

Primeiro livro da infancia. — Com este titulo acaba o Dr. Cornelio França Filho de dar á luz da publicidade uma traducção da obrinha do conselheiro Delapalme. Em estylo claro e ameno, o tradactor conseguiu accommodar á lingua portugueza, o phraseado francez, e assim veio prestar ás letras patrias um serviço importante.

Prosiga o Dr. Cornelio França Filho á dar a infancia tão salutaes alimentos para o espirito, e acceite do rabequista um aperto de mão, acompanhado dos respectivos emboras.

Aria.

(Si non é vero, é bene trovato)

Qual é a religião ou seita que A. de C. professa? Vejamos.

Todo homem catholico, apostolico, romano, deve considerar o Papa, o successor de Christo na terra, e chefe da Igreja, e por conseguinte respeitá-lo, porque como soberano elle é inviolavel e sagrado.

Ora, A. de C, e outros muitos, que vivem á escrever para o publico, não entende assim: logo não é catholico, apostolico, romano.

Si non é vero, é bene trovato !

Todo protestante, reconhece no reinante ou imperante, o chefe de sua religião, e o respeita e venera. Ora, A. de C. não pensa deste modo: logo não é protestante.

Si non é vero, é bene trovato !

O sabeista adóra os corpos celestes.

Ora A. de C. não professa uma tal religião: logo não é sabeista. Salvo se considera as *estrellas parisiense* do Alcazar uns verdadeiros corpos celestes, a quem realmente venera; porque então não pode deixar de ser sabeista, e está respondida a pergunta.

Si non é vero é bene trovato !

O fetichista venéra os *Fetiches*, expressão empregada pelos homens lá na Africa occidental para designarem os objectos animados ou inanimados, a que o medo, o reconhecimento ou alguma affeição particular, os convida a dirigir um culto. Ora a *Vida Fluminense* é um *Fetiche* e A. de C. a venera: logo, não ha duvida, A. de C. é fetichista!

Si non é vero, é bene trovato.

(Vide o n.º passado da Vida Fluminense.)

Cavatina

S. PEDRO DE ALCANTARA.—Levou á scena durante a semana, as *Tentações de Satanaz* e o *milagre de N. S. de Nazareth*, e está annuciado *Maria Joanna, mulher do povo ou a pobre mãe*, para a estreia da Antonina Marquelou, que substituirá bem á Eugenia Camara.

S. LUIZ.—Representou *A calumnia*, e *Timidez de Cornelio Guerra*, a *Morgadinha de Valflôr*, *Fernanda*, onde tudo foi ás mil maravilhas.

Quarta feira teve lugar o beneficio do actor Paiva, que colheu mais uma vez a recompensa de seus esforços e talento. Nesta occasião recitou Emilia Adelaide a linda poesia de Thomaz Ribeiro, *A Judia*, e o Brazão, a poesia comica de Eduardo Garrido, *A bengala*, e foram dignos dos applausos que tiveram.

GYMNASIO.—Levou á scena o pretexto, *A esfolhada*, *Coração de pai*, *Os amores da modista*, *Fui ver o joven Telemaco*, *Bertha de castigo*, *Já ouvi espirrar este nariz*, e finalmente, *As nossas alliadas*; (sem ser as republicas do Uruguay e Buenos Ayres) que são realmente obra boa e onde nada faltou para contentar o publico, que está sempre de bom humor sempre que se trata de alianças.

PHENIX DRAMATICA.—Tem representado, *As mulheres de marmore*, e o *Sr. Mello Dias amante das mesmas*, (não das mulheres marmoreas.)

Quarta-feira teve lugar o esplendido beneficio do gaiato Vasques, subindo a scena o *Typo Brasileiro*, de França Junior, *Silencio Callado*, de Eduardo Garrido, e o *Fechamento das portas*, de Augusto de Castro.

O desempenho foi satisfactorio e nada faltou para que se tornasse a noite do beneficiado uma noite de risos, flôres e enthusiasmo.

LYRIQUE FRANÇAIS OU ALCAZAR.—Representou durante a semana, *Orphée aux enfers*, que foi perfeitamente bem, *La fleur du thé*, que a par de um desempenho perfeito, devido á boa des-

tribuição dos papeis, notou-se uma scenographia limpa, bonita e admiravel.

Está em ensaios, *Le mari á la porte*, lindissima opereta de Offenbach, que o publico já conhece, porém, por certo não deixará de ir ver e applaudir.

Cançoneta

NAMORO

Namoro é cousa gostosa,
Que regala o coração;
E' charutinho de Havana,
Que custa mais de tostão.

Namoro é quente empadinha
De camarões com palmito;
E' um *filet* mui bem feito,
E' no jantar um palito.

Namoro é dôr de cabeça,
Que apenas minutos dura;
E' um passeio de *Bond*,
Uma pequena aventura.

Namoro é jogo de prendas,
E' lindo botão de rosa,
E' um copo de sorvete
Ou de licor com *gazosa*.

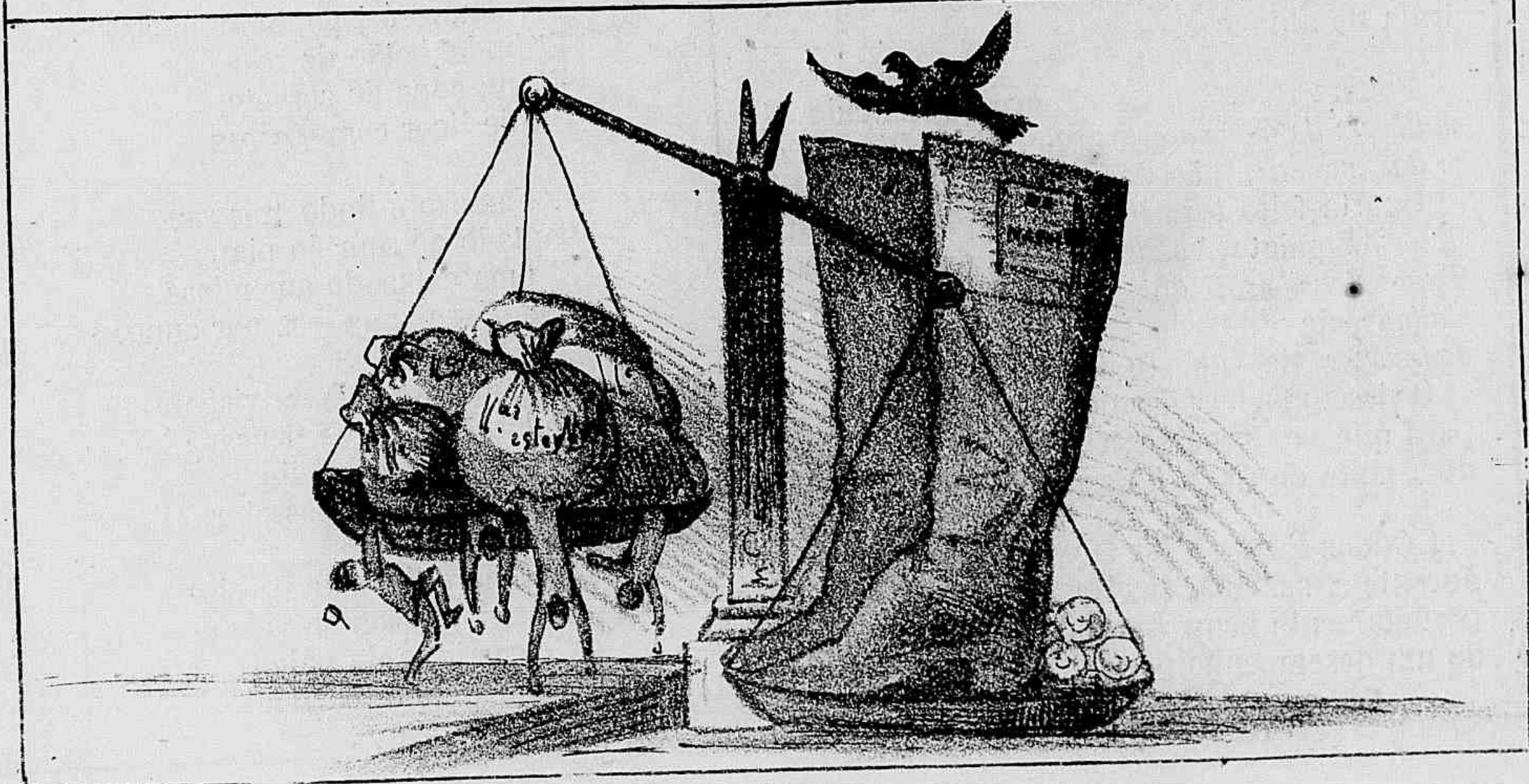
Namoro é lindo *romance*
Cantado ao som do piano;
E' uma caixa de amendoas,
Que dá-se uma vez por anno.

Namoro é jogo de vispora
Onde não ha que pensar;
E' um vestido bonito
Que se tem p'ra passeiar.

Namoro é traste preciso
Para as delicias da vida;
E' cigarrinho de palha,
De bilhar uma partida.



Como realça na coraça de um militar ! ! ! ?



Os objectos que custarão mais caro a França.



ALCAZAR

Mlle. Personne dans les turcs.

Namoro é banho de choque
Tomado pela manhã ;
E' merenda dos rapazes,
E' bago de uva, ou romã.

Namoro é missa do gallo
E' constante carnaval,
E' *soirée* de familia,
E' um grande festival.

Namoro é *salsaparrilha*
Prompto alivio p'ra tristeza ;
E' dança na corda bamba,
E' um jogo de esperteza.

Namoro é isca mui doce
Que sabe á manjar divino ;
E' jogo de *cabra-cega*;
E' brinquedo de menino.

Namoro é emprego publico
De muita gente vadia,
Que vive á quebrar calçadas
Passeiando noite e dia.

Namoro é uma comedia,
E' tudo que nada val ;
Portanto basta de prosa,
Vou fazer ponto final.

ELMANO NATURA

A mãe e seus dois filhos

(CONTO BRASILEIRO)

Havia em um vastissimo bosque, serpeado de regatos, uma mulher chamada *America*, *Braziliense* que tinha dois filhos: um menino e uma menina. Esta tinha o nome de *Republica* e aquelle o de *Imperio*.

Com o correr dos tempos veio a experiencia; e *America*, vendo que seu marido *Portugal* a queria escravisar, delle se desquitou, e tornou-se a perceptora de seus filhos, que, apesar de pouca idade, já revelavam grande *engenho* para muitas coisas.

Ora nesse tempo não se fazia uso, nem da *palmatoria*, nem dos *premios*; por isso *America* não podia esperar bom resultado do seu ensino, que era mais que livre; pelo que procurou mudar de methodo; porém já era muito tarde. Seus dois filhos eram uns gigantes e já estavam mui taludos.

Dissiparam-se pois as esperanças de *America*.

Imperio e *Republica* tinham má indole, e eram dois mãos filhos.

Um bom dia a pobre mãe trazia um grande bólo para festejar a *Natividade de Nossa Senhora*, eis senão quando seus filhos se atiram a elle com um furor indomavel. Pucha d'aqui, pucha d'acolá: travou-se a luta, e, por mais que *America* gritasse, ambos lutavam como duas feras. A final *Republica* falseou o pé e cahio, e *Imperio* matal-a-hia se sua mãe não se interpozesse dizendo-lhe:

— *Imperio*, tu não vês que tua irmã é ainda muito criança para lutar contigo? Aplaca o teu furor. A luta entre irmãos é cousa horriavel. Demais, nem sempre serás possante, e tua irmã crescendo póde tomar uma desforra.

— E hei de tomal a, sim! para o futuro, disse a menina levantando-se.

E iam de novo pegar-se. Mas *America* apressou-se em metter *Republica* em um carcere, donde não a tirou, porque morreu; deixando todos os seus bens á descripção do *Imperio*.

Godofredo Autran.

Romancete

O Homem sem lagrimas

POR

ALEXANDRE DUMAS

O viandante entrou; estava enbuçado n'um capóte, cuja golla encobria quasi todo seu semblante. A velha atçou o fogo na chaminé, foi buscar leite e pão, como o fizera á mocinha, e o convidou á comer.

Mas o viandante meneou a cabeça em signal de recusa, fitando a velha cujo semblante se deixava ver as claras.

— Porque não comeis? lhe perguntou ella, deveis ter fome, e isto que vos offereço, o faço de coração. Comei.

— Depois que me ouvirdes perdoado, lhe respondeu o viandante, atirando para um lado o seu capote, abrindo os braços, e mostrando seu rosto banhado de lagrimas.

— Meo filho! exclamou a velha.

— Minha mãe! minha mãe! disse o viandante.

E ambos se lançaram nos braços um do outro.

Era, com effeito, o filho perdido, o filho prodigo, que voltava para junto de sua mãe.

O primeiro momento foi todo consagrado á alegria, á emoção e ás lagrimas.

Depois o filho contou á sua mãe o que lhe acontecera.

Em duas palavras diremos sua historia.

— Em quanto lhe restaram algumas moédas da fortuna roubada á sua mãe, o mocinho levára uma vida alegre e dissipada; depois, após o esbanjamento viera a miséria, e enfim uma enfermidade que quasi o conduzira ao tumulo.

Então elle se arrependêra e comprehendêra quanto havia peccado contra Deos e contra sua mãe. Pedio ao Senhor que lhe perdoasse, e jurou voltar para o lar materno, apenas convalescesse.

Deos ouviu a sua prece e restituiu-lhe a saúde.

Então tratou de cumprir o seo voto; mas tendo esbanjado tudo, teve vergonha de voltar para casa pobre, como um mendigo.

Ora, um dia, elle estava a margem do Danubio, excogitando um meio de ganhar dinheiro, e seguia machinalmente com os olhos um moço, que banhava-se naquella rio divertidos em nadar.

O pai deste moço tambem estava á margem opposta e admirando a força e a destreza de seo filho.

De repente o nadador poz-se a pedir soccor-

ro; acabava de ter uma caimbra e estava á ponto de affogar-se.

O pai lançou-se n'agua; mas em lugar de salvar seo filho, mais o arrastava para o fundo, pois que não sabia nadar.

Frantz, ao contrario (tal era o nome do filho prodigo) era um excellente nadador, pois que desde sua infancia se havia exercitado no Rhêno.

Um instante depois o pai e o filho foram salvos.

No outro dia, Frantz recebeu doze mil francos de um desconhecido. Seo primeiro pensamento foi restituil-os, pois achava que não devia ser pago por uma bôa acção, que fizera.

Mas elle tinha desaparecido com seo filho: eram dois viajantes e ninguem sabia d'onde vieram, nem para onde foram.

Então Frantz não teve mais escrupulos, rico com estes doze mil francos, e ainda mais com o seo arrependimento, voltára á casa materna.

A mãe e o filho conversaram ainda por muito tempo junto da chaminé; por que tinham tanto que dizer um ao outro que não cuidaram de dormir.

Lia, pelo contrario, apenas o moço acabara sua historia, adormecera.

Teve então o mesmo sonho; vio o mesmo jardim, as mesmas flôres, as mesmas borboletas e os mesmos anjos.

Sómente d'esta vez o anjo das lagrimos chamou-a para junto de si.

E ella foi.

Então o anjo deo-lhe uma perola.

— Toma, disse elle, eis a perola preciosa de que te fallei; ella é composta de duas lagrimas: a lagrima do amor materno e a lagrima do arrependimento filial. Vai depol-a sobre o coração de teu paiz e então elle poderá chorar e ficará curado.

A mocinha teve tanta alegria que despertou.

O sonho dissipou-se.

Lia julgou que fora um sonho vão como são todos os sonhos e tristemente esperou que rompesse o dia.

(Continúa.)



THEATRO D. PEDRO II.
© INSIGNE ARTISTA JUAN ORDINAS NO 3.º ACTO D'AFRICANA